

A Associação entre Violência Doméstica e Violência Escolar: uma análise preliminar

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Ana Carina Stelko Pereira

Resumo

Geralmente, estuda-se separadamente a violência conjugal, a violência infantil e a violência escolar. O objetivo deste artigo é destacar a relação entre a violência doméstica e violência escolar e sugerir ações que abordem essa problemática. Para tanto, são descritos dois estudos. O primeiro avaliou se alunos do sexo masculino que apresentam comportamentos agressivos na escola, quando comparados a meninos que não apresentam tais comportamentos, têm histórico de maior incidência de exposição à violência doméstica. Outro investigou se a exposição à violência doméstica, seja de forma direta e/ou indireta é um fator associado à ocorrência de intimidação nas escolas. Esses estudos indicam que existe relação entre a violência nos dois contextos, porém ressaltam a necessidade de investigações com mais participantes e estudos longitudinais. Sugere-se capacitação de professores para identificar alunos vivendo em famílias com violência doméstica, formação de rede de apoio aos professores em situação de denúncia, o ensino de habilidades sociais aos alunos, discussões em sala de aula sobre o que sejam relações familiares saudáveis e não-violentas e encaminhamentos psicoterápicos aos alunos vítimas de violência doméstica.

Palavras-chave: violência doméstica; violência escolar; formação de professores

Association between Domestic Violence and School Violence: a preliminary analysis

Abstract

Usually, one investigates marital violence, children victimization, and school violence in an isolated way. The aim of this paper is to highlight the relationship between domestic violence and school violence, suggesting actions to deal with these serious issues. With this goal in mind, two studies are described in this paper. The first one evaluates if boys who behave aggressively in school, in comparison with their non-aggressive peers, have more incidence of domestic violence exposure and victimization. The second study investigates if exposure to domestic violence and child victimization are factors associated with bullying. These studies indicated that there is a relation between the violence experienced in these two contexts; however they emphasize the need for further investigations with more participant and longitudinal studies. Teacher in-service training is suggested, aimed at: identifying students living in families with a history of domestic violence; supporting teachers and principals in case of disclosures in the

school setting; social skills training for students; class discussions about healthy and non-violent family relationships and, psychotherapy referral to students who are victimized.

Key words: domestic violence; school violence; teacher training

A família é comumente referenciada como uma das maiores influências para o desenvolvimento de comportamentos e habilidades na infância (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2002; CIA, WILLIAMS & AIELLO, 2005). No contexto escolar, são comuns afirmações por parte de professores e diretores, de que alunos indisciplinados e violentos assim o são porque a família possui problemas e não educa a criança adequadamente, conforme aponta o estudo de Araújo (2005). Entretanto, não se pode afirmar, apenas de modo genérico, que a família seja uma influencia fundamental, sendo necessário estudar e descrever, em pesquisas, quais são os principais problemas familiares a fim de se poder intervir nos mesmos.

O tema violência muitas vezes é fragmentado, sendo que os estudos, geralmente, analisam separadamente a violência conjugal, a violência contra crianças e a violência escolar. Kohl e Macy (2007) discutem que, ao menos um terço das famílias que estão sendo investigadas por maus-tratos contra crianças nos Estados Unidos, incluem pais ou responsáveis que são também vítimas de violência doméstica e, portanto, de acordo com esses autores, as intervenções devem não só contemplar a redução dos maus-tratos contra crianças, como também a violência sofrida por seus cuidadores. Em uma perspectiva similar, este artigo vem destacar a importância de que não se perceba a violência escolar de uma maneira isolada das violências em outros contextos, pois está, em muitos casos, interligada com a violência que ocorre no contexto familiar.

O termo técnico empregado para descrever o fenômeno envolvido no fato de a criança assistir a violência praticada pelo pai ou padrasto contra sua mãe refere-se à *exposição* de violência doméstica (BRANCALHONE, FOGO & WILLIAMS, 2004). Um estudo de meta-análise de 41 pesquisas, realizadas no período de 25 anos, explicita que a exposição de crianças à violência doméstica prediz problemas comportamentais e emocionais significativos (WOLFE, CROOKS, LEE, MCINTYRE-SMITH & JAFFE, 2003). Contudo, são poucas as pesquisas brasileiras que examinam a relação entre violência doméstica e violência na escola. Em pesquisa na base de dados da CAPES, com o descritor “violência na escola”, no período de 1988 a 2006, encontrou-se apenas quatro pesquisas (MENEGHEL, 1996, LISBOA, 2001, MALDONADO, 2005; PINHEIRO, 2006).

O objetivo desse estudo é descrever duas dessas pesquisas, ambas vinculadas ao Laboratório de Prevenção e Análise da Violência (LAPREV) e ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. Adicionalmente, serão feitas sugestões de ações que a escola pode adotar frente à relação entre a violência na família e a violência escolar.

1. O Comportamento Agressivo de Crianças do Sexo Masculino na Escola e sua Relação com Violência Doméstica

A pesquisa de Maldonado & Williams (2005) avaliou se as crianças do sexo masculino que apresentam comportamentos agressivos na escola, quando comparadas a crianças do sexo masculino que não apresentam tais comportamentos, têm histórico de maior incidência de exposição à violência doméstica.

Participaram do estudo 28 crianças do sexo masculino, as quais estavam na 1ª. e 2ª. séries do Ensino Fundamental, estudando em escolas públicas localizadas em dois bairros identificados como lugares com alto índice de denúncias de ocorrência de violência na Delegacia da Mulher do Município. As mães desses alunos também participaram. Os participantes foram selecionados pelos seguintes critérios: ser do sexo masculino e a composição familiar ser constituída de figura materna e paterna no lar, sendo que a união do casal devia existir há pelo menos um ano.

Em seguida, as crianças participantes foram divididas em dois grupos: Grupo A: crianças que apresentaram comportamentos agressivos e Grupo B: crianças que não apresentaram comportamentos agressivos, sendo que cada grupo foi composto por 14 estudantes.

A coleta de dados foi realizada por meio dos seguintes instrumentos: Escala de Percepção por Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola (LISBOA & KOLLER, 2001); Entrevista para levantamento de dados sobre as famílias (Roteiro adaptado de WILLIAMS, 1998) e Escala de Táticas de Conflito Revisada (*Revised Conflict Tactics Scale* - CTS2, STRAUS, 1996).

Para se comparar os dois grupos, em termos de idade e pontuação na escala de comportamentos agressivos, utilizou-se o Teste de Mann-Whitney. Verificou-se que as idades foram consideradas iguais e as pontuações diferentes para os dois grupos.

A Figura 1 a seguir apresenta alguns dos resultados referentes à violência sofrida pelos Grupos A e B.

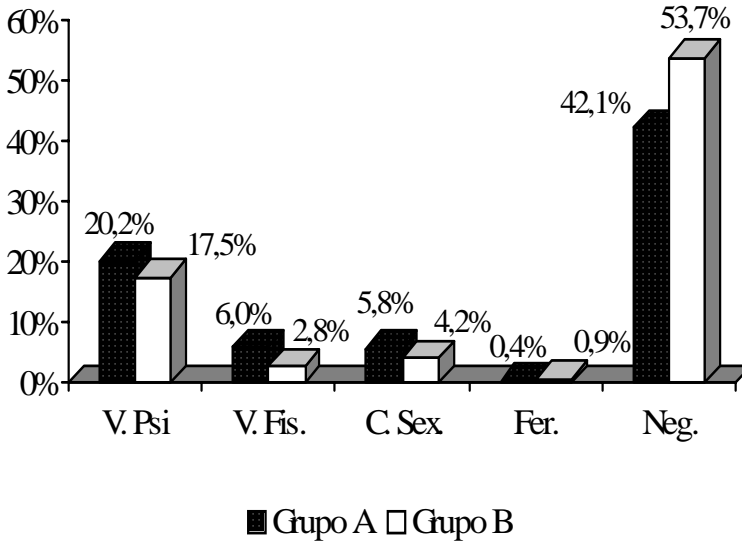


Fig 01: Porcentagem, de acordo com os grupos, de situações de violência vivenciadas enquanto vítimas. Sendo que V. Psi corresponde à violência psicológica, V.Fis. à violência física, C. Sex. à coerção sexual, Fer. a ferimentos e Neg. à negociação.

As famílias do grupo A e B não diferem com relação à Coerção Sexual e Ferimentos da mãe, nos níveis leve e severo. Contudo, no total, a violência experienciada pelo grupo A é significativamente mais severa do que a do grupo B, pontuação no CTS-2 de 291 e de 125, respectivamente.

Portanto, a violência doméstica foi encontrada em ambos os grupos, mas os níveis da violência se expressaram de formas diferentes. Então, há, no geral, maior incidência e severidade de exposição à violência doméstica nas crianças do sexo masculino que apresentaram comportamento agressivo na escola, quando comparadas às crianças do mesmo sexo que não apresentam tal comportamento.

2. Exposição à Violência Doméstica e Envolvimento em *Bullying* entre Alunos do Ensino Fundamental

Essa pesquisa desenvolvida por Pinheiro, 2006, investigou se a exposi-

ção à violência doméstica por parte da criança, seja da forma direta ou indireta, era um fator associado à ocorrência de intimidação nas escolas. Sendo que o modo direto é o qual alguém usa de violência física, psicológica ou sexual para com uma pessoa e o modo indireto é aquele em que um indivíduo, sem ser propriamente o alvo da violência, sofre conseqüências negativas ao assistir, escutar ou conhecer os efeitos que a violência teve em uma outra pessoa saber de outros sendo agredidos e/ou conhecer os efeitos que a violência teve em uma outra pessoa. Outro objetivo do estudo foi verificar a cronicidade de violência doméstica nos subgrupos de alunos envolvidos em *bullying* (intimidação física ou/e psicológica ou/e sexual que ocorre de modo freqüente e repetitiva entre colegas ou pares na escola) e estabelecer diferenças entre os gêneros, quanto à violência praticada e quanto à violência doméstica sofrida.

Foram participantes do estudo 239 alunos de 5ª a 8ª série, com idades entre 11 e 15 anos (média = 13); que moravam com pelo menos um dos pais, com autorização de um responsável para a participação na pesquisa e que consentiram em participar. Esses alunos responderam a um questionário o qual investigava variáveis demográficas (idade, gênero, raça, renda familiar, etc.), vivências de situação de *bullying* como autor e vítima, violência entre os pais e violência dos pais contra a criança. Foi feita a validação inicial do questionário em amostra piloto e aprovado em análise de conteúdo por pesquisadores da área.

As questões avaliavam a vitimização e a autoria de *bullying* nos três meses anteriores à coleta de dados e eram cinco as opções de respostas: “nunca”, “uma a duas vezes”, “duas ou três vezes por mês”, “uma vez por semana” e “várias vezes por semana”, sendo que as respostas “nunca” e “uma a duas vezes”, não eram considerados como *bullying* enquanto que as restantes eram consideradas.

Percebeu-se que dos participantes, 65.3% eram meninas e 34.7% de meninos, 42.3% eram brancos e 41.8% pardos; 74.5% moravam com pai e mãe e 73.6% vinham de famílias com renda de até 3,5 salários mínimos. Abaixo, de acordo com a figura 2, percebe-se que os meninos costumam ser em maior freqüência autores do que as meninas, enquanto que as meninas são mais vítimas do que os meninos. O tipo mais presente em meninos é o ser vítima-autor e o em meninas é o ser vítima.

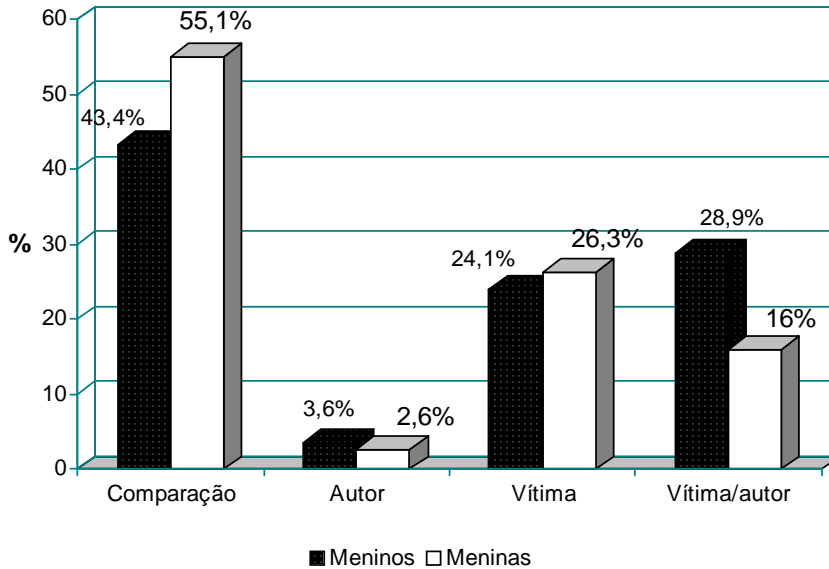


Fig 02: Porcentagem, de acordo com o gênero, de autores, vítimas e vítimas-autores de *bullying*.

Contudo, a única associação significativa entre gênero e envolvimento em *bullying* foi encontrada no grupo de vítimas-agressoras, no qual os meninos tinham 2,2 vezes mais chance de pertencerem a esse grupo do que as meninas ($\chi^2=5,779$, $df=1$, $p=0,016$).

Quanto à prevalência de violência entre os pais, 55,2% dos participantes já tinha presenciado pelo menos um ato de violência entre eles, a agressão entre os pais, geralmente, era recíproca, os atos de violência psicológica foram os mais frequentes e 12,1% dos participantes havia presenciado pelo menos um ato de violência física entre os pais.

A respeito da prevalência de violência contra a criança, 84,5% dos participantes sofreu algum tipo de violência por parte da mãe, 62,3% sofreu algum tipo de violência por parte do pai, as mães cometeram significativamente mais violência contra os participantes do que os pais ($\chi^2=30,121$, $df=1$, $p<0,001$). Além disso, na maioria das vezes, meninos e meninas sofreram violência por parte dos pais em igual proporção. Entretanto, no caso de violência física severa, houve uma maior proporção de vitimização entre os meninos.

Ao se relacionar a violência doméstica contra as meninas e o *bullying*, dentre as 11 categorias de violência doméstica, sete foram correlacionadas com vitimização por *bullying*, nove, com a autoria de intimidação e oito categorias correlacionaram-se com o escore total de *bullying*. A relação mais significativa foi encontrada entre o escore total de vitimização por *bullying* e o escore de violência física severa do pai contra a filha ($r=0,347$, $p<0,01$).

De modo geral, a violência doméstica esteve associada com o envolvimento em *bullying*, mas os resultados variaram de acordo com o gênero dos participantes. Além disso, os escores de violência doméstica foram maiores no grupo de “vítimas-agressoras” do que nos outros dois grupos (sem *bullying* e só de vítimas).

Esses dois estudos indicam, em acordo com a literatura internacional, que a violência doméstica está relacionada com a violência ocorrida na escola, apontando a necessidade de que outras investigações sejam feitas para determinar o grau de relacionamento. Novos estudos poderiam ter um maior número de participantes e se constituírem em estudos longitudinais, entre outros.

Além disso, existem outras variáveis familiares que podem contribuir ou amenizar a possibilidade de desenvolvimento de comportamentos agressivos e não agressivos. Podem-se citar algumas, como ser usuário de drogas, estar desempregado, estar com dívidas, ter carência de suporte social (REESE, VERA, SIMON & IKEDA, 2000), luto mal resolvido, conflito familiar intenso, divórcio e pais que tem deficiência mental ou distúrbios emocionais (RIGONI & SWENSON, 2000). Estas variáveis poderiam ser estudadas a fim de se verificar a interação entre elas e a violência doméstica e dessa com a violência escolar.

3. Sugestões de ações frente à violência doméstica e agressividade na escola

Primeiramente, deve-se capacitar professores e diretores a identificarem situações em que as crianças e adolescentes estão em risco, seja sendo alvo de violência direta por parte de familiares ou sendo exposto a violência indireta quando há violência conjugal. Os professores devem estar cientes de que o agir agressivamente na escola é um dos indícios de que possa estar ocorrendo violência doméstica. A cartilha “Maus-tratos contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção. Guia de orientação para Educadores”, desenvolvida pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, (MONTEIRO FILHO & PHEBO, 1997), pode ser utilizada com um instrumento para situar os

docentes na temática e dar indicações de como proceder diante do conhecimento de situações de maus-tratos infantil e de abuso sexual contra crianças.

Além de identificar alunos que estão em situações desfavoráveis, os professores e diretores devem amparar-se mutuamente de modo a comunicarem o problema às autoridades competentes, como o Conselho Tutelar e serviços de assistência social. Esses serviços realizam uma avaliação sobre as condições em que o aluno se encontra e podem adotar medidas que visem auxiliar o desenvolvimento saudável e seguro do aluno, como o albergamento nos casos de risco iminente, dando orientações aos pais, indicando recursos terapêuticos aos membros da família, como terapia psicológica, atendimento psiquiátrico, grupos de apoio, auxílio financeiro, etc.

Um exemplo de serviço é o oferecido pelo Laboratório de Análise e Prevenção da Violência que, por meio do *Projeto Parceria* (WILLIAMS, PADOVANI & MALDONADO, 2007), no qual mães que sofreram violência conjugal participam de uma intervenção individual que auxilia tanto no enfrentamento à violência, como aprendendo habilidades para educarem seus filhos de forma mais eficaz, diminuindo a possibilidade dos mesmos desenvolverem comportamentos indesejáveis, como agressividade.

Conversar frequentemente com os alunos sobre o dia a dia dos mesmos e explorar o que se entende por família, sobre relacionamentos pais e filhos, relacionamentos entre marido e mulher de um modo não idealizado é importante. Devem-se permitir discussões sobre o que se considera certo e errado a respeito do contexto familiar e se destacar que existem leis que garantem os Direitos das crianças e adolescentes, bem como o Direito das mulheres. Alunos que estão expostos à violência doméstica devem ser aconselhados a buscar terapia psicológica e podem-se formar grupos de apoio entre alunos que vivenciam o problema, com o acompanhamento de psicólogos.

Realizar atividades do desenvolvimento de habilidades sociais para todos os alunos e, principalmente, para os alunos que presenciaram situações de violência é fundamental. Segundo Del Prette e Del Prette (2005) existem sete classes de habilidades sociais fundamentais ao desenvolvimento interpessoal da criança. Elas são: 1) autocontrole e expressividade emocional, do qual fazem parte o reconhecimento de suas próprias emoções, a dos outros e o lidar com as mesmas; 2) civilidade, no qual se incluem o cumprimentar, o despedir-se e o agradecer; 3) empatia, como capacidade de interessar-se pelo outro e expressar compreensão pela experiência alheia; 4) assertividade, do qual integram o ex-

pressar sentimentos e opiniões; 5) fazer amizades; 6) solução de problemas interpessoais; pensar antes de agir, escolher a melhor estratégia de solução, avaliar as conseqüências; 7) habilidades sociais acadêmicas, entre elas oferecer, solicitar e agradecer ajuda, aguardar a vez para falar e prestar atenção. Estas habilidades podem reduzir em muito a violência no contexto escolar e criar um ambiente escolar harmônico em que alunos e funcionários sintam-se bem.

Porém, as habilidades sociais dos alunos só são colocadas em prática se a escola se constitui como um local que favorece tais habilidades. Assim, deve-se ter expectativa adequada quanto à aquisição acadêmica do aluno, supervisão aos mesmos e estrutura física segura, por parte da escola (Walker e Gresham, 1997, citados por REESE, VERA, SIMON e IKEDA, 2000, REID, PETERSON, HUGHEY e GARCIA-REID, 2006). As salas de aula não devem ser super lotadas (KHOURY-KASSABRI, BENBENISHTY, ASTOR e ZEIRA, 2004). A escola deve ter regras claras, consistentes e justas, nas quais as relações entre professores e alunos sejam percebidas como positivas (KHOURY-KASSABRI, BENBENISHTY, ASTOR e ZEIRA, 2004). Além disso, o currículo escolar deve ter assuntos interessantes aos alunos (WARNER, WEIST e KRULAK, 1999, REID, PETERSON, HUGHEY e GARCIA-REID, 2006).

Em conclusão, percebe-se como necessário, mais estudos brasileiros que investiguem a relação entre violência escolar e doméstica, como também, o desenvolvimento e avaliação de intervenções que busquem minimizar a violência escolar, considerando a relação existente entre a violência nos dois ambientes: casa e escola.

Referências

- ARAÚJO, V. D. de. (2005). *Violência nas escolas noturnas Grande Dirceu/Teresina – PI: fatos e representações de professoras e professores*. 2005. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) da Faculdade de Fundação da Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia (Natal)*. Natal, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2002.
- BRANCALHONE, P.G.; FOGO, J.C.; WILLIAMS, L.C.A. (2004). Crianças expostas à violência conjugal: Avaliação do desempenho acadêmico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 113-117.

CIA, F.; WILLIAMS, L. C. de A; AIELLO, A. L. R. Influências paternas no desenvolvimento infantil: Revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v.9, n.2, p.225-233, 2005.

DEL PRETTE, Z. A. P., DEL PRETTE, A. *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 272 p.

KHOURY-KASSABRI, Mona; BENBENISHTY, Rami; ASTOR, Ron Avi; ZEIRA, Anat. The contributions of community, family, and school variables to student victimization. *American Journal of Community Psychology*, Nova York, Estados Unidos, v.34, n.3, p.187-204, 2004.

KOHL, P. L.; MACY, R. J. Profiles of victimized women among the child welfare population: implications for targeted child welfare policy and practices. *Journal of Family Violence*, Nova York, Estados Unidos, v. 23, n.1, p.57-86, 2008.

LISBOA, C. S. de M. *Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre crianças vítimas e não-vítimas de violência doméstica*. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LISBOA, C.S.M.; KOLLER, S.H. Escala de percepção por professores dos comportamentos agressivos de crianças na escola. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n.1, p.59-69, 2001.

MALDONADO, D. P. A. *O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com violência doméstica*. 2003. 70f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

MALDONADO, D.A.; WILLIAMS, L.C.A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com violência doméstica? *Psicologia em Estudo*, Maringá, 10, (3), 353-362.

MONTEIRO FILHO, L.; PHEBO, L.B. *Maus-tratos contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção*. Guia de orientação para Educadores. 1. ed. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1997. 39 p.

MENEGHEL, S. N. *Famílias em pedaços - um estudo sobre agressividade na adolescência e violência doméstica*. 1996. 122f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PINHEIRO, F. M. F. *Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino fundamental*. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

- REESE, L. E.; VERA, E. M.; SIMON, T. R.; IKEDA, R. M. The role of families and care givers as risk and protective factors in preventing youth violence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, Nova York, Estados Unidos, v.3, n.1, p. 61-77, 2000.
- REID, R. J.; PETERSON, N. A.; HUGHEY, J.; GARCIA-REID, P. School climate and adolescent drug use: mediating effects of violence victimization in the urban high school context. *The Journal of Primary Prevention*, Nova York, Estados Unidos, v.27, n.3, p.281-292, 2006.
- RIGONI, D.; SWENSON, D. X. Beyond scripted blame: a systems approach for understanding school violence. *Systemic practice and Action Research*, Nova York, Estados Unidos, v.13, n.3, p.279-295.
- STRAUS, M.A.; HAMBY, S.H.; BONEY-MCCOY, S.; SUGARMAN, D.B. The revised conflict tactics scales (CTS-2). *Journal of Family Issues*, v.17, n. 3, 283-316, 1996. Disponível em: <<http://uex.sagepub.com>>. Acesso em: 02 de jan. 2008.
- WARNER, B. S.; WEIST, M. D.; KRULAK, A. Risk factors for school violence. *Urban Education*, v.34, n.1, p.52-68, 1999. Disponível em: <<http://uex.sagepub.com>>. Acesso em: 02 de jan. 2008.
- WILLIAMS, L. C. A.; PADOVANI, R. da C.; MALDONADO, D. P. A. Project "Parceria": The prevention of behavior problems in children by teaching parenting skills to abused women. In: ISPCAN European Regional Conference in Child Abuse and Neglect, n. 11, 2007, Lisboa. *Anais ...Lisboa: ISPCAN, 2007. v. 1. p. 1714-1714.*
- WOLFE, D. A.; CROOKS, C. V.; LEE, V.; MCINTYRE-SMITH, A.; JAFFE, P. G. (2003). The effects of children's exposure to domestic violence: A meta-analysis and critique. *Clinical Child & Family Psychology Review*, Nova York, Estados Unidos, 6, 171-187.

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams
Docente do Depto. de Psicologia da UFSCar e
Coordenadora do Laboratório de Análise e Prevenção da
Violência (LAPREV)
Rodovia Washington Luiz, Km 235
CEP: 13565-905 - São Carlos - SP
E-mail: williams@power.ufscar.br

Ana Carina Stelko Pereira
Psicóloga e Mestranda em Educação Especial pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da
UFSCar
E-mail: anacarinastelkopereira@gmail.com
